

TEMPOS DE OURO E “ADEUS ÀS ILUSÕES”: HISTÓRIAS E SENSIBILIDADES NA CULTURA DO SISAL*

Mariângela de Vasconcelos Nunes**

Este artigo investiga, com base em fontes primárias e secundárias, em bibliografia e em entrevistas, o processo de implantação do sisal na Paraíba, ocorrido nos anos 40 e no início dos anos 50; as modificações sócio-econômicas e culturais provocadas pela dinamização do sisal; além de recontar histórias, buscar sentimentos, lembranças e imagens associados ao sisal.

A pesquisa a qual se refere este texto foi realizada nos municípios de Areia e Guarabira, citados neste trabalho como fazendo parte da região do Brejo, devido as peculiaridades históricas (como a introdução da cana de açúcar) e até mesmo geográficas (o clima mais úmido). Utilizar-se a expressão Cariris Velhos para designar todos os municípios das áreas semi-áridas visitadas na pesquisa de campo (Picuí, e seus antigos distritos de Cubatí e Pedra-Lavrada. Além de Cuité e os já emancipados municípios de Barra de Santa Rosa e Nova Floresta). Tal fato se legitima, primeiro, pela homogeneidade histórica que apresenta os espaços estudados no Norte do planalto da Borborema; segundo, pelo recorte espacial imaginário presente em grande parte dos entrevistados, que se auto-definiram como “Caririzeiros”, e terceiro, pela própria classificação do IBGE que, pelo menos até os anos 50, reconhecia grande parte da região estudada como o Médio Sertão dos Cariris Velhos.

A agave sisalina, conhecida popularmente como “agave” ou simplesmente “sisal”, é uma espécie do gênero agave que pertence à família das amarelydáceas. Esta planta é

originária da Península de Yucatán no México que foi o principal produtor mundial até o início deste século¹⁵.

O sisal só foi introduzido no Brasil no início deste século. Entretanto, existem controvérsias quanto ao local onde teriam sido plantadas as primeiras mudas. Conforme Sérgio Lepcht, a planta chegou ao Brasil em 1906, sendo cultivada inicialmente em São Paulo¹⁶. Entretanto, outras fontes afirmam que a entrada do agave ocorreu diretamente no Nordeste, em 1903, no Estado da Bahia.

Na Paraíba também existem várias versões sobre o pioneirismo do sisal. Algumas destas histórias vieram dos chamados historiadores locais. Entre estes, citam-se Horácio de Almeida, Cleodom Coelho e Severino Costa, além da obra dos jornalistas José Leal e Rafael Mororó. Horácio de Almeida elegeu o industrial Germano Freitas, dono da fazenda "Bujari", como o verdadeiro pioneiro do sisal e das exportações deste produto para o mercado externo: "o pioneiro dessa cultura no município foi Germano de Freitas, na mesma propriedade Bujari, que seu pai, o velho Torquato de Freitas, cobrira de café

O historiador Cleodom Coelho assegurou que o sisal na Paraíba foi difundido através de Diógenes Caldas, o então inspetor agrícola do Estado¹⁸. Segundo Coelho, a iniciativa privada ficou a cargo do agricultor Adroaldo Guedes Alcoforado; ao que tudo indica as mudas introduzidas em Guarabira seriam procedentes do campo de Espírito Santo.

* Este artigo (revisão) é o II capítulo, da Dissertação, *Maldição e Bênção: Histórias sobre o sisal na Paraíba (1930-1953)*; (1996). Apresentada ao Mestrado em História Universidade de Brasília - UNB, em Julho, 1996. Contudo, este texto também apresenta, algumas reflexões não trabalhadas durante o curso de mestrado. Sobretudo, no que dizem respeito as sensibilidades dos segmentos sociais envolvidos com a cultura sisaleira. Por isso, tais registros merecem ainda uma análise mais profunda, o que ocorrerá mediante minhas pesquisas e estudos sobre o tema. Devo esclarecer que priorizei a região dos Cariris Velhos. Assumo, assim minha parcialidade, na valorização especial desta região.

** Professora Substituta de História Econômica Geral da UFPB, Mestre em História Social e das Ideias pela UNB.

¹⁵ O nome sisal é de procedência mexicana, originário da erva "Sisal-Ziur". Este nome batizou um povoado e o porto por onde se exportavam as fibras, por esta razão, a planta ficou conhecida no mundo inteiro como sisal.

¹⁶ Sérgio Lepsch, apud Ivony Lídia Monteiro Saraiva. (1981). *Cooperativa de Sisal Sociedade Anônima*, Dissertação apresentada ao Mestrado em Economia Rural, Universidade Federal da Paraíba/UFPB, João Pessoa.

¹⁷ Horácio de Almeida. (1980). *Brejo de Areia, Memórias de um Município*, João Pessoa: UFPB. P.161

¹⁸ Cleodom Coelho. (1958). *Guarabira Através dos Tempos*. Livraria Nordeste, p. 177.

Em “... Caicara caminhos de Almoçreves”, Severino Costa concordou com o pioneirismo atribuído a Adroaldo Guedes, que, nos anos 20, teria introduzido as mudas em suas próprias terras. “Quem introduziu o cultivo do sisal em Caicara foi o fazendeiro Adroaldo Arruda Alcoforado, morador na vila de Sertãozinho”¹⁹. Este autor mencionou a indiferença com que o sisal foi recebido no início, ao referir-se ao comportamento incrédulo de Aristides Carneiro de Moraes, que não se interessou em disseminar a cultura. Teria sido graças ao Sr. Adroaldo Guedes, “Seu Dudu Arruda”, também cognominado o “rei do sisal”, que esta planta foi lançada em escala comercial. Este fato ocorreu em 1924, no engenho do Guaraná, localizado entre Guarabira e Caicara.

Em 1966, veio à luz o trabalho dos jornalistas José Leal e Rafael Mororó, intitulado A Civilização Dourada, uma viagem colossal, que incluía, na rota expansionista do sisal, a região dos Cariris Velhos, a “Terra dos Espinhos”, transformada no “El Dorado”. Leal e Mororó retomaram os personagens que apareceram em Cleodom Coelho e em Severino Costa, ressaltando assim, mais uma vez, as imagens do ceticismo, até a campanha triunfal.

As narrativas que tratam do assunto na historiografia local conferem ao sisal um caráter revelador e quase apocalíptico: no princípio, a indiferença; depois, o êxito da redenção. A romaria iniciada no México, conforme a crença dos maias, recomeçou na Paraíba alguns séculos depois. Uma versão atualizada o Iatzamná, dos povos indígenas, segundo a literatura local, reaparecia na Paraíba²⁰. Os padres do Estado, convencidos das excelentes qualidades das fibras de Sisal, teriam iniciado uma marcha, divulgando a planta de casa em casa, de vila em vila, de cidade em cidade, até finalmente alcançarem a capital. Tal teria sido o caso do padre Luiz Santiago, pároco do município de Cuité, que conforme Leal viajou para João Pessoa

¹⁹ Severino Costa. (1990). Caicara Caminho de Almoçreves, João Pessoa: A União. P.185.

²⁰ Conforme A Lenda Maia, Iatzamná era filho de Hunab-Ku, Deus único e criador do mundo. Sobre o assunto ver Mariângela Nunes. (1996). Maldição e Benção: Histórias Sobre o Sisal na Paraíba (1930-1963). Dissertação de Mestrado (História). UNB, Brasília.

para falar com o Interventor Argemiro de Figueiredo. Ao chegar no Palácio da Redenção, o vigário conseguiu convencer o Interventor que, segundo Leal, o chamou para conferenciar na capital: “diga-lhes tudo o que me disse aqui. Vamos convencer esta gente de cabeça dura a mudar de idéia. Vamos mostrar a esse povo que o sisal será a nossa salvação, que a era da cana de açúcar já passou”²¹.

Posteriormente, o trabalho de divulgação da planta saiu da esfera do sagrado para a do profano: ficou a cargo da Diretoria de Fomento da Produção e da Escola Agrônômica do Nordeste - EAN, tendo à frente os agrônomos e técnicos que deflagraram, nos anos 40, intensa campanha em favor do sisal.

No início dos anos 40, o sisal avançou mais sobre as áreas do Brejo, da Caatinga Litorânea e Central, destacando-se sobretudo os municípios de Areia, Itabaiana e Guarabira, regiões detentoras de maior influência política e que estavam à época enfrentando problemas de ordem econômica com a cana-de-açúcar, e até mesmo com o algodão. O sisal lhes pareceu a solução: “a agave surgiu como um resultado da crise da lavoura da cana-de-açúcar. Foi o sisal com a sua cultura fácil e rendosa que reajustou magnamicamente a economia da região do Brejo”²².

Influenciados pela política governamental e os preços no mercado internacional, os produtores do Brejo inclinavam-se cada vez mais para o plantio de sisal: “O sisal tinha preços melhores do que a cana. Era um produto de exportação. Havia aqui grande campos de sisal”²³.

Nos Cariris Velhos a marcha sisaleira foi mais lenta. Os incentivos oficiais se tornaram mais evidentes no final dos anos 40. Os jornais não se cansavam de alardear os esforços do Governo no sentido de promover a expansão do sisal no semi-árido paraibano: “3.000.000 mudas de agave já foram distribuídas pela Secretaria Agrícola na zona do Cariri”²⁴.

²¹ José Leal e Rafael Moruro. (1966). *A Civilização Dourada*. Guanabara: Potegi. P.22

²² Reinaldo de Oliveira Sobrinho. (1953). *Esboço da Monografia do Município de Areia*, João Pessoa: Imprensa Oficial. P. 27.

²³ Sr. Milton Resende Moura, 73 anos, entrevista realizada no Brejo, em julho de 1995.

²⁴ *A União Agrícola*, Domingo, 11 de julho de 1948.

Em 1953, em meio a uma seca que já durava dois anos (1951-53), assolando sobretudo o Cariris Velhos (Norte e Sul do planalto de Borborema), o Governo do Estado atemorizado com a situação tensa que se estabelecera nesta região, palco de saques e invasões, lançou mão de antigas receitas, como a construção de estradas e barragens. Entre elas citam-se as construções da estrada Barra de Santa Rosa - Picuí e o açude do Curimataú, ambos iniciados em 1953, além dos rotineiros e ineficazes envios de verbas. Ademais, foi priorizada a expansão do agave nestas regiões: “o fomento da agave é destinado sobretudo ao Cariri e Curimataú para onde estão sendo favorecidos os transportes de mudas doadas aos lavradores”²⁵.

A expansão do sisal em ambas as regiões não provocou o abandono dos roçados, tal como relatou a Sra. Edeusita Silva, cujo marido tinha uma pequena propriedade em Sossego, na época distrito de Cuité, “o sisal chegou nesta região em 1942, a gente plantava algodão, feijão, milho. No princípio poucas pessoas plantavam o agave, elas dividiam o espaço para o milho, feijão e o agave”²⁶.

Este não foi um caso isolado, nem tampouco exclusivo da região dos Cariris Velhos. Em verdade, tratava-se de uma categoria de baixo poder aquisitivo, que não dispunha de uma política acessível de créditos e subsídios e que, necessariamente, reservava determinadas áreas ao cultivo da mandioca, do milho e do feijão, para deles extrair seu sustento.

A manutenção dos roçados foi uma prática comum também entre os grandes produtores. Acerca deste fato, o Sr. Milton Moura narrou: “plantava agave, mas também plantava em outras áreas o milho, feijão macassa e nas outras cana e feijão mulatinho e revezava milho, feijão macassa/cana, feijão mulatinho”²⁷.

²⁵ A União, 7 de julho de 1953.

²⁶ Sra. Edeusita M. Silva, 37 anos, viúva do Sr. José Bello, pertencente a família de pequenos produtores.

²⁷ Entrevista em agosto de 1995, na região dos Cariris Velhos.

²⁸ Entrevista do Sr. Milton Moura. Entrevista no Brejo, julho, 1995.

Estas culturas continuaram sendo cultivadas dentro do esquema tradicional, ou seja, mediante as formas de parceria e “meia” estabelecidas pela “condição”, que implicava o compromisso do morador em trabalhar três dias na propriedade do patrão: “meus trabalhadores davam três dias de obrigação e três dias eram deles para cultivar o roçado com a família. Neste tempo dava também o algodão que vendiam. O feijão e a fava guardavam para comer no outro ano”²⁸.

Procedimentos como estes eram freqüentes. A manutenção dos roçados funcionava como mecanismo que permitia baixar os custos de produção, mediante a reprodução barata da força de trabalho, fato que era providencial para a expansão do sisal.

No Brejo, os trabalhadores e moradores estavam à disposição do serviço no sisal, e disto dependia a sua liberação ou não para a lavoura de subsistência. É interessante notar o relato de um produtor do Brejo: “o meu morador dizia: ‘Sr. Milton, eu queria que o Senhor, quinta e sexta, me desse para o roçado’. Se ele fosse eficiente, às vezes eu pagava uma pessoa para limpar o roçado dele, contanto que o roçado dele ficasse limpo e eu não tivesse prejuízo”²⁹.

A força exigida para o desempenho das funções na estrutura sisaleira foi um dos pré-requisitos para que se completasse a separação entre os trabalhadores da agricultura e os trabalhadores do desfibramento. O trabalhador do sisal não era “qualquer um”, era aquele melhor classificado para tal atividade: como declarou o produtor do Brejo: “os rapazes novos, filhos dos moradores, iam trabalhar no sisal e os pais (velhos) na roça”³⁰. Os proprietários passaram a preferir que os trabalhadores mais especializados e fortes permanecessem no sisal, não mais voltando para outras culturas onde eram substituídos por outros trabalhadores, mais desgastados fisicamente.

²⁸ Sr. Milton Moura. Entrevista realizada no Brejo, em julho de 1995.

²⁹ Sr. Milton Moura. Entrevistado em julho de 1995, no Brejo.

³⁰ Conforme o Sr. Milton Moura entrevistado no Brejo, em julho de 1995.

Não demorou muito para que alguns trabalhadores preferissem também as atividades no desfibramento, sendo atraídos cada vez mais pelas tarefas do motor, abandonando a lavoura de subsistência. Isto passou a ocorrer na medida em que o sisal se tornou importante para as regiões. Nos Cariris Velhos, por exemplo, os trabalhadores e lavradores faziam sempre um contraponto; de um lado, o sisal, considerado uma cultura de “safra permanente”, pois não dependia de um bom inverno para o desenvolvimento; e do outro, o feijão, o milho e até mesmo “a roça”, todos dependentes de condições climáticas favoráveis e sem apresentarem preços compensadores, se comparados ao sisal: “muitos passaram a comprar na feira o feijão, o milho e deixaram de plantar, porque não tinha futuro, a gente plantava ‘a roça’ e quando ia vender não tirava o que gastou”³¹. A maior rentabilidade do sisal favorecia uma maior monetarização e melhores oportunidades de salários: “eu achava bonito para trabalhar, eu disse; É melhor trabalhar no motor do que no gado (do pai). No motor eu ganhava dinheiro, era Cr\$ 100 mil reis por 1.000 quilos na semana, no gado só ganhava a roupa”³².

Embora o sisal tenha reproduzido algumas características do padrão agrário brasileiro, ele apresentou novos componentes, que o diferenciaram substancialmente de outras culturas: como a cana-de-açúcar e o algodão. No caso do sisal, o consorciamento com as lavouras alimentares era basicamente inviável, quando muito, era praticado nos dois primeiros anos, sendo que o sisal vive pelo menos doze anos. Como relatou o Sr. Joaquim Sobrinho: “plantava o algodão dentro do agave, a roça e o milho mas já no terceiro ano, ninguém podia plantar nada porque as folhas já tavam cruzadas e ninguém entrava ali só as facas para cortar”³³.

Outro pequeno produtor dos Cariris Velhos, lamentando as espetadas da planta, relembrou: “A gente plantava o agave nas grotas, junto com o feijão, o milho e

³¹ Sr. Benedito Faustino Costa, 63 anos, filho de pequenos produtores do município de Curité. Entrevista realizada em Cariris Velhos, agosto de 1995.

³² Entrevista com o Sr. Benedito da Costa, Cariris Velhos, em agosto, 1995.

³³ Sr. Joaquim Sobrinho, 66 anos. Entrevista realizada no Brejo, em julho de 1995.

algodão, mas quando o agave crescia era ruim de tirar, o agave tinha aquele espim e furava o povo. Eu mesmo me furei muitas vezes”³⁴. A dificuldade do consorciamento obrigou os pequenos produtores a dividirem suas terras, separando uma parte para o sisal, e outra para as lavouras de subsistência.

Além da dificuldade em associar o sisal, outro fator o distinguia essencialmente do algodão e das lavouras alimentares: nele era menos comum o uso dos arrendamentos e dos sistemas de parceria, freqüentes em ambas as regiões. Com relação ao sisal, os grandes produtores alegaram que a pequena quantidade de arrendamentos e parceria era devido à longevidade da planta; pois entre o primeiro ano, até o conjunto da plantação ser totalmente erradicado poderiam ocorrer “desavenças” entre produtores e arrendatários ou parceiros ou meeiros. Conforme relatou o Sr. Milton Moura, afirmando literalmente que o arrendamento não era uma prática usual entre os produtores do Brejo: “Eu não dava direito a nenhum morador plantar sisal, porque no dia em que eu quisesse botar ele para fora, ele dizia: ‘Compre o meu sisal’, e eu ia ter que indenizar”³⁵. Os grandes produtores dos Cariris Velhos comungavam da mesma opinião, a exemplo do Sr. Odom Nunes: “Não, a gente não arrendava nem deixava o morador plantar sisal, porque podia complicar. O morador podia criar problema, o agave demora muito para ser destocado”³⁶.

Não obstante a afirmação categórica dos grandes produtores do Brejo e dos Cariris Velhos, sabe-se que no final dos anos 50 ainda ocorriam situações de arrendamentos e parcerias no sisal. Conforme o Sr. José Marques, que provavelmente compunha a categoria dos arrendatários, no final da tarde, ao voltar para casa, enrolava os dedos em pedaços de pano, para proteger-se da navalha da máquina (manual), e ia desfibrar o agave, previamente cortado e ripado pela sua mulher. Neste caso, os lucros provenientes do desfibramento eram

³⁴ Conforme declarou o Sr. Manuel Soledade dos Santos, 65 anos. Entrevista realizada nos Cariris Velhos, em agosto de 1995.

³⁵ Sr. Milton Moura. Entrevista realizada no Brejo, em julho de 1995.

³⁶ Sr. Odom Cirilo Nunes, 58 anos, pertencente a família ligada à atividade sisaleira na região dos Cariris Velhos (produção e comercialização). Entrevista nos Cariris Velhos, agosto de 1995.

divididos entre o Sr. José Marques e o dono do campo de agave, que cedia o animal para o transporte das fibras até as feiras próximas. Lá, as fibras eram vendidas pelo desfibrador, que dividia os lucros com o seu sócio, dono do campo: “puxava 50 kg, tocava, 25 kg para o dono, 25 kg pra gente”³⁷. Mesmo quando foram implantados os grandes motores o Sr. José Marques preferiu continuar desfibrando na sua máquina de mão, como ele a chamava. Assim justificou sua opção: “era melhor porque era minha, eu podia trabalhar no agave e no roçado”³⁸.

Outro caso mais feliz foi o do Sr. Jorge Xavier. Ele relatou que antes da implantação do sisal nos Cariris Velhos, trabalhava no caroá. Contudo, logo que o sisal chegou naquela região, ele abandonou o trabalho no desfibramento do caroá e passou a desfibrar o sisal, usando equipamento manual: “eu tirava caroá no mato, vivia do caroá, aquilo era uma miséria, era coisinha pouca, não progredia, não tinha futuro. Em compensação, o agave nunca enriqueceu ninguém, mas dava de comer a pobreza”³⁹ — Não foi à toa que o depoente enalteceu a expansão sisaleira na região: de simples farracheiro⁴⁰, tornou-se o maior fazendeiro da Nova Floresta. Atualmente, possui uma fazenda relativamente grande, equipada com tratores e outras máquinas pouco usadas na região, além de centenas de cabeças de gado e cerca de 100 moradores. Conforme contou o Sr. Jorge Xavier a sua ascensão de farracheiro a grande proprietário ocorreu graças à sua determinação para o trabalho no farracho: “eu tirava 100 Kg de fibra por semana, virava dia e noite”⁴¹. Foi com o dinheiro obtido com as vendas das fibras, sob o sistema de “meia”, que comprou um motor Rouston, de fabricação inglesa, e posteriormente investiu os lucros do rentável negócio do sisal em terras e nos equipamentos. Sem hesitar ele concluiu: “quando o agave chegou melhorou tudo”⁴².

³⁷ Sr. José Marques, farracheiro. Entrevista realizada em agosto de 1995, nos Cariris Velhos.

³⁸ Entrevista de Sr. José Marques agosto de 1995, Cariris Velhos

³⁹ Entrevista de Jorge Xavier, fazendeiro. Entrevista realizada nos Cariris Velhos, agosto 1995.

⁴⁰ Farracheiro é quem que desfibra sisal ou caroá usando a máquina manual, também conhecida como farracho. Os termos farracho e farracheiro são poucos conhecidos nas regiões pesquisadas.

⁴¹ Entrevista de Sr. Jorge Xavier, Cariris Velhos, agosto 1995.

⁴² Entrevista de Sr. Jorge Xavier, Cariris Velhos, agosto 1995.

Os primeiros equipamentos usados para o desfibramento nas regiões em estudo foram as desfibradeiras manuais, denominadas de “farracho” ou “alicate”, que ficavam debaixo de árvores ou em latadas improvisadas, próximos às casas. Eram operadas pelos membros da família, que cortavam, ripavam e desfibravam as folhas, tarefa que podia ser feita de um dia para o outro. O desfibramento era sempre realizado pelos homens, não raro à noite, em lugar precariamente iluminado, depois da jornada rotineira de trabalho na agricultura, como trabalhadores alugados ou meeiros. As duplas jornadas de trabalho ocorreram com frequência, durante a fase da implantação comercial do sisal, isto é, nos anos 40, e mesmo antes, quando este era preparado só para o consumo interno, e também no desfibramento do caroá (que foi abandonado com a valorização do sisal).

Alguns dos farracheiros tinham apenas o equipamento manual, desfibrando os campos alheios; entretanto, outros camponeses, além de possuírem o farracho, eram também proprietários⁴³. Nestas pequenas propriedades, cultivavam feijão e milho em uma parte, reservando a outra para o agave. Tal foi o caso do Sr. Joaquim Sobrinho, que usava sua folga do almoço para cortar e ripar as folhas do agave, prosseguindo com o desfibramento no final do expediente, depois de ter arado o seu roçado: “quase todo mundo tinha um terreninho e plantava num pedaço agave e puxava, não era só eu não”⁴⁴. Mesmo quando foram implantados equipamentos mais modernos, o Sr. Joaquim preferiu manter a sua rotina anterior, como explicou: “para ir trabalhar no motor do outro não adiantava, porque o agave era pouco. Era melhor puxar o meu, que o que eu ganhasse era meu”. O dinheiro obtido com as vendas das fibras era usado para comprar produtos de consumo, como roupas, calçados, carnes e outros: “eu adquiria a mistura, a gente não ia comer o

⁴³ Camponeses aqui entendidos como os segmentos sociais dependentes do médio e grande proprietário. Portanto chamo de camponeses moradores, agregados, parceiros, meeiros e pequenos proprietários.

⁴⁴ Sr. Joaquim Sobrinho. Entrevista realizada em julho de 1995, no Brejo.

⁴⁵ Sr. Joaquim Sobrinho. Entrevista realizada em julho de 1995, na região do Brejo.

⁴⁶ Sr. Benedito da Costa. Entrevista nos Cariris Velhos em agosto de 1995.

feijão velho puro. Às vezes, gostava de brincar um bailezinho no final de semana”⁴⁵

Os primeiros motores, introduzidos nas regiões, foram, em regra geral, iniciativa de alguns produtores isolados e pioneiros. No município de Cuité, por exemplo, tem-se notícia que foi o padre Luís Santiago o pioneiro na implantação dos motores de base fixa, ainda nos anos 40. O Sr. Benedito Costa narrou com entusiasmo a chegada do primeiro motor na região, este de base fixa, por volta de 1946: “Pe. Luiz chegou com o primeiro motor, era um motorzão, eu tinha uns 13 anos e fui olhar, achava bonito ele fazia um barulho danado”⁴⁶. E em meio a um silêncio tocante, ele repetia várias vezes de forma cadenciada: “tum-tum-tum-tum” e dizia “parece que eu tô ouvindo o barulho do motor”⁴⁷. As referências, com relação a introdução das máquinas automáticas, apareceram associadas aos sons produzidos por tais equipamentos. Estes barulhos permaneceram indelévels na memória e na imaginação dos trabalhadores e produtores, sobretudo dos Cariris Velhos. O Sr. Manuel Soledade, por exemplo, contou que, quando foi morar em Goiás, passou a identificar o ruído dos desconhecidos tratores com o “estrondo” familiar dos motores: “eu fui para Goiás, eu tava deitado e via eles trabalhando de noite com um trator arando a terra, eu olhava assim e, pra mim, era motor virando”⁴⁸ e com o seu jeito “simples” de ver o mundo, definiu: “eu tava aviciado”⁴⁹.

Ao contrário das máquinas manuais, que eram fabricadas pelos ferreiros locais, os motores de base fixa: Roustan, Petter, Lister e Slavo foram importados da Europa e dos EUA, por serem mais caros, normalmente só quem os comprava eram os grandes produtores. Os grandes motores instalados nas fazendas eram fixos. Embora fossem poucas, estas máquinas davam emprego a muitas pessoas, como moradores, agregados, pequenos produtores, que começaram a

⁴⁵ História do Sr. Benedito Costa, Cariris Velhos, agosto de 1995.

⁴⁶ Confirma o Sr. Manuel Soledade, entrevistado nos Cariris Velhos, agosto de 1995.

⁴⁷ História do Sr. Manuel Soledade, entrevistado nos Cariris Velhos, agosto de 1995.

chegar de várias regiões do Estado para as áreas em expansão. Os alpendres ou galpões, onde ficavam os grandes motores, eram cobertos com telhas, e abertos na frente e atrás. Os motores ficavam próximos a tanques de água improvisados, responsáveis pelo abastecimento e pela refrigeração necessárias aos motores, que se ligavam a duas ou três máquinas através de correias.

Para uma melhor compreensão do processo de trabalho, serão descritas todas as atividades que sofreram pequenas mudanças, ao longo dos tempos. Cada máquina empregava cerca de 10 a 15 pessoas. A primeira etapa do processo consiste na chamada “broca”, ou “derrubada”. Com o emprego de foice e machado, o mato e as árvores grandes eram arrancados e substituídos pelas mudas do sisal. As pessoas que trabalhavam no plantio eram em geral trabalhadores alugados. Três a quatro anos depois, a planta estava madura para o primeiro corte (embora nem sempre se respeitasse este período). O processo de desfibramento só começava com o corte das folhas, executado pelo cortador, que se utilizava de facas e foices.

Em seguida, as folhas eram transportadas para os galpões, em jumentos ou em carros de boi. Esta tarefa era exercida pelo “cambiteiro” ou “tropeiro”. Posteriormente, os “puxadores”, a quem cabia o comando da produção, alimentavam as máquinas, introduzindo-lhes as folhas nas lâminas. Os “puxadores” trabalhavam na “boca da máquina”; para se protegerem, usavam luvas de borracha, feitas por eles mesmos, ou bicos de mamadeiras, na ponta dos dedos. Vestiam aventais de lona ou estopa, por causa dos resíduos das folhas. Puxar agave era uma atividade de risco, pois exigia grande habilidade e precisão do “puxador”. Entretanto, nenhuma atividade no desfibramento estava isenta de perigo, desde o simples corte da planta até o desfibramento, pois, durante estas operações, podiam ocorrer espetadas provocadas pelos espinhos da planta, coceiras causadas pelo teor corrosivo das fibras e as amputações dos membros superiores, braços e mãos, engolidas pelas máquinas. — Este último risco restringia-se aos

“puxadores”. Não obstante, esta máquina algoz representava um desafio que atraiu homens e “meninotes” dos Cariris Velhos, que ingressavam no desfibramento, sem temer os imprevistos de um trabalho de alto risco. O Sr. Benedito Costa, por exemplo, sabia que tinha de pagar um preço alto para se tornar “puxador”, contudo, não hesitou tão logo lhe foi concedida uma oportunidade. A vontade de trabalhar na “boca da máquina”, hoje, se mostrou tão evidente que o narrador não se lamentou dos acidentes sofridos. Sorrindo com ar nostálgico e sem a menor pretensão de heroísmo, ele recordava cenas passadas, normalmente associadas ao sofrimento e à dor, mas o Sr. Costa as associava à conquista e à bravura numa simplicidade quase inenarrável; ele sentia-se um vitorioso: “Achei melhor puxar agave, porque era mais bonito a ‘puxada’. Eu aprendi: perdi muito sangue mas aprendi”⁵⁰. Tanta obstinação se explica pelo fato de muitos “puxadores” dos anos 40 e 50, haverem iniciado esta profissão nas engenhocas manuais: lentas silenciosas e ultrapassadas, o oposto do “motorzão”; ruidoso, veloz e possante. Dominar tal equipamento era motivo de orgulho, sinônimo de destreza e conhecimento. Como disse o Sr. Jorge Xavier “Se o cabra era bom, era puxador”⁵¹ e conferiu, a este, um título que desfrutava de grande prestígio, no interior do Estado: “O puxador era o doutor do motor”⁵².

Os “puxadores” eram os mais bem remunerados da equipe, mas permaneciam trabalhando até desfibrarem todas as folhas cortadas durante o dia. Os passos seguintes eram a retirada do bagaço e, depois, a pesagem das fibras, feitas pelo “bagaceiro” ou “pesador”, que também era responsável pela retirada dos resíduos das folhas que se concentravam sob os motores, por esta razão, acompanhavam o mesmo horário dos “puxadores”.

Na estrutura sisaleira, também havia lugar para mulheres e crianças, cabendo-lhes as lavagens das fibras. Antes

50. Entrevista do Sr. Benedito Costa em entrevista nos Cariris Velhos, em agosto de 1995.

51. Entrevista do Sr. Jorge Xavier, entrevistado nos Cariris Velhos, em agosto de 1995.

52. Entrevista do Sr. Jorge Xavier, entrevistado nos Cariris Velhos, em agosto de 1995.

53. Flávia Rosa Bock da Silva “Tio Negro”, 85 anos, um dos primeiros trabalhadores de agave dos Cariris Velhos. Entrevista realizada em agosto de 1995, na região dos Cariris Velhos.

de lavá-las, as “fibreiras”, “lavadeiras” ou “estendadeiras” igualavam as fibras, formando pequenos feixes chamados de “bonecas” e as mergulhavam nos tanques. As bonecas eram batidas várias vezes contra um banco próximo ao reservatório de água e, em seguida, laçadas em um torno, torcidas e sacudidas. Só depois eram retiradas do torno e estendidas nos “estaleiros” ou “secadores” feitos de arames ou “embiras” (fios de fibra) presas em estacas ou nas velas do agave. Como se não bastasse a complexidade desta atividade, normalmente rejeitada pelos homens, as fibreiras eram ainda trabalhadoras de plantão, pois, caso chovesse, independente de ser feriado ou domingo, deviam correr ao “terreiro” e recolher as fibras, evitando que se molhassem. Devido ao teor corrosivo das fibras, não raro as fibreiras trabalhavam vestidas com calças (feitas de sacos) por baixo das saias, protegendo os braços com casacos, também feitos de sacos. Como o uso da calça era considerado estranho entre as mulheres, os colegas brincavam com elas, ridicularizando-as: “Fulana hoje tá de carça”⁵³ e riam. Estas eram as que recebiam os mais baixos salários da equipe.

Era nos alpendres ou galpões que os trabalhadores passavam o dia. Começavam a trabalhar cedo, muitas vezes logo depois da meia noite ou de madrugada. Faziam a primeira refeição já no local de trabalho, onde improvisavam uma espécie de fogareiro instalado no chão, e lá preparavam também o almoço. Após um rápido descanso retomavam o trabalho, só parando na “boca da noite”, ou seja, entre 17:00 e 17:30 h. Como trabalhavam próximo das casas, algumas pessoas levavam refeições para os seus parentes, sobretudo nas noites de serões. “às vezes, esta aqui (referindo-se à mulher) e aquela Maria Velha (apontando para uma senhora que se encontrava na sala) ia levar o café de noite a nós”⁵⁴. Provavelmente este costume desapareceu logo que os motores se afastaram das casas. Os horários de trabalho eram muito irregulares, variando

⁵³ Tio Nego. Entrevista realizada nos Cariris Velhos em julho de 1995.

⁵⁴ Sr. José Cabral de Oliveira, 58 anos. Entrevista realizada em agosto de 1995, no Brejo paraibano.

de acordo com as funções, e também de equipe para equipe. Cada equipe estabelecia um cronograma de trabalho que, embora rígido — pois, a falta de um trabalhador colocava em risco todo o funcionamento do motor — inicialmente, levava em consideração as atividades agrícolas, pois parte dos trabalhadores ainda estava ligada à agricultura.

A estrutura sisaleira proporcionou um incremento nas relações monetárias ao romper com o trabalho de “meia” e a chamada “condição”, fato que trouxe à tona novos elementos como a “sensação de liberdade”, experimentada por homens, até então premidos pelos horários e rigores das atividades agrícolas estabelecidas pelos patrões. Embora os trabalhadores do sisal continuassem morando nas terras dos proprietários e donos dos motores, estavam libertos das atividades muitas vezes não-remuneradas, nas lavouras de subsistência. Tal como relatou o Sr. José de Oliveira, trabalhador do Brejo:

*“No agave verde (isto é no campo) a gente ganhava mais, por que era por produção e ninguém olhava o trabalho da gente, mas, na ‘agricultura’, existia um tal de feitor, na época, era um mandão conforme hoje tem estes encarregados. Trabalhavam umas trinta pessoas e tinha uma pessoa que vinha atrás da gente com uma vara para catucar, dizendo: limpa o mato, vê se tá bem limpinho.”*⁵⁵

No início dos anos 50, começaram a ser usados os motores de base móvel, mais práticos, leves e pequenos; ao contrário dos motores anteriores, que se tornaram obsoletos, os novos pequenos motores podiam ser facilmente transportados para os sisalais. Estas máquinas, fabricadas em São Paulo também eram mais baratas e, por isto, se espalharam rapidamente. Os novos equipamentos ocupavam um número menor de trabalhadores que, talvez por estarem mais distantes dos patrões, apresentavam mais autonomia.

⁵⁵ Gerardo A. da Silva, 63 anos. Entrevistado em agosto de 1995, na região dos Cariris Velhos

⁵⁶ Sobre a disciplina imposta pelas máquinas ver Michelle Perrot, (1988). *Os Excluídos da História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

A percepção de muitos dos trabalhadores dos Cariris Velhos era semelhante, a exemplo do que contou o Sr. Geraldo da Silva:

*“Antes do agave, nós era tudo sujeito a trabalhar para o patrão na agricultura o dia de serviço alugado pelo preço que ele queria pagar e então dava um roçadinho de meia. Os muito bom dava de graça, a gente trabalhava um dia, no máximo dois e os outros dias no dele. No agave nós não era sujeito, nós trabalhava por produção, agora na produção se trabalhava mais, mas ganhava mais”*⁵⁶

Contudo, os trabalhadores do motor passaram a ser estimulados pelo desejo ou a necessidade de produzir cada vez mais (assalariamento por produção) e vigiados pelo “olhar castrador” do motor, que não costumava perdoar os “puxadores” desatentos. As “máquinas algozes” puniam os “puxadores” mais lentos ou desavisados sumariamente. De repente, uma conversa com o parceiro, um sorriso fora de hora, e lá iam os dedos ou as mãos dos “puxadores”. A sentença era imediata: Este homem jamais “puxará” agave.

Entretanto, parte dos caririzeiros transformaram o sisal no senhor dos sonhos. Graças à distância temporal entre os anos 40-50 e os anos 90. As lembranças ruins estavam adormecidas ou foram sufocadas pelas privações do presente. A exemplo do caso das máquinas policiadoras e “engolidoras de mãos e dedos”⁵⁷. O presente lhes concedeu o perdão. As máquinas, embora implacáveis, foram redimidas dos seus antigos percalços. A Sra. Edeusita Silva, cujo marido teve os dedos decepados, enquanto desfibrava agave, afirmou o seguinte: “ele (referindo-se ao marido) sempre progredia do agave. O agave é bom, sem ele na nossa terra, a gente não sobrevive”⁵⁸. Apesar da tragédia que fez o Sr. Belo (esposo da depoente) perder os dedos, a cruel e dolorosa lembrança foi

⁵⁶ Palavras da Sra. Edeusita Silva, viúva de antigo “puxador” de agave dos Cariris Velhos. Entrevista realizada em agosto de 1995 nos Cariris Velhos.

⁵⁷ Nivam Furtado Cariris Velhos, agosto de 1995.

desviada para o sisal, ou melhor, para a crise atual deste produto nos Cariris Velhos. Para a Sra. Edeusita e outros caririzeiros, o declínio do sisal teve conseqüências devastadoras.

De um modo geral, as lembranças e saudades fizeram brotar um passado “glorioso” e rico para o sisal. O Sr. Nivam Furtado, por exemplo, destacou, com muita ênfase, as mudanças ocorridas no comércio, nas feiras e no cotidiano das pessoas, ressaltando com orgulho as festas da padroeira e a riqueza proporcionada pelo sisal. Referindo-se ao sisal, disse: “ele teve no auge, subiu de preço, era uma coisa fantástica. O Sr. José Raposo (produtor e comerciante da região) andava com um pacote de dinheiro. Ele amarrava o pacote no pescoço do cachorro e mandava o cachorrinho levar em casa”⁵⁹.

Comumente, os depoentes pensavam o passado a partir do presente miserável, quase insuportável. Daí as visões idílicas projetadas para os anos 40 e 50, quando ficava a impressão de que o dinheiro era abundante: “aqui em Cuité, nesta época rodava dinheiro que nem mato. Hoje acabou-se. Acabou-se Cuité, já era”⁶⁰. As visões do passado dinâmico, foram contrapostas à paralisia do presente, por isto, acabado, sem futuro.

Contudo, nos anos 40 e 50, ocorreu uma maior dinamização nas regiões sisaleiras, que incrementaram o comércio dos produtos industrializados adquiridos nas cidades como Campina Grande, Recife e outros centros, para abastecer o comércio varejista, que era realizado nas cidades e povoados beneficiados com a expansão sisaleira. Nestes lugares, cresceram lojas de tecidos, sapatos e produtos farmacêuticos. Nos dias de feira, as cidades recebiam um contingente maior de pessoas, era um acontecimento importante quando as populações rurais iam fazer suas compras nas sedes municipais:

“O produto industrial vinha de outra região, subia o preço, era o chamado El Dorado (referindo-se à região de Cuité), porque tudo que se vendia, vendia caro: calçados, roupas. Antes vinha mais em

⁵⁹ Confluiu o Sr. Geraldo da Silva, entrevistado nos Cariris Velhos, em agosto de 1995.

⁶⁰ Falavras do Sr. Nivam Furtado. Entrevistado nos Cariris Velhos, agosto de 1995.

pequenas quantidades dado as condições financeiras que tinham antes do sisal. Até as mocinhas do campo do jeito que se vestia as da capital, se vestia as daqui. Tudo que tinha nas cidades grandes vinham para cá. As coisas subiam mas se ganhava dinheiro fácil!"

61

Dias de feiras eram também "dias de contas", quando trabalhadores e pequenos lavradores prestavam as contas do trabalho semanal ou vendiam suas produções. Ambas as categorias descontavam parte de suas dívidas e, com o restante, iam à feira adquirir produtos de consumo básico, a preços mais caros do que aqueles praticados antes da expansão sisaleira. De um modo geral, sisacultores e sisaleiros narraram que o período de implantação do sisal foi acompanhado da elevação do custo de vida⁶². Entretanto, as perspectivas promissoras do sisal compensavam o aumento dos preços: "o agave tomou muito lugar do milho e feijão, nessa serra aqui só se via agave"⁶³. Sem reclamar, sentenciou o resultado desta expansão: "o feijão e o milho ficou mais caro, mas o agave dava cobertura"⁶⁴.

Os trabalhadores também usavam parte dos salários para gastarem com diversões e "farras"; no auge do sisal, ao lado do processo inflacionário generalizado (comum a todo o país, porém, agravado nas regiões sisaleiras), houve um aumento de alcoolismo, notadamente nos Cariris Velhos, o que contribuiu para que os mais conservadores identificassem o sisal com o "capa verde", o diabo: "O comércio fazia grande movimento

⁶² Com relação aos processos inflacionários denunciados pelos depoentes, sabe-se que houve uma tendência da época a responsabilizar o sisal pelo aumento do custo de vida registrado na Paraíba. Entretanto, em meados dos anos 40, ocorreu uma alta de preços em todo o país. Referindo-se à inflação desta época, assinalou Leôncio Basbaum: "De tal modo que, em fins de 1947, já estávamos devendo outra vez, voltando a tomar dinheiro emprestado a procurar meios de conter o custo de vida". Leôncio Basbaum. (1985). *História Sincera da República 1930 a 1960*, 5 ed, São Paulo: Alfa-Ômega, P.161.

⁶³ Sr. Benedito Costa. Entrevistado nos Cariris Velhos, agosto de 1995.

⁶⁴ Sr. Benedito Costa. Cariris Velhos, agosto de 1995.

⁶⁵ Depoimento do Sr. Nivaldo Furtado, entrevistado nos Cariris Velhos, agosto de 1995.

⁶⁶ Com relação ao termo "candango", existem controvérsias. Para alguns caririzeiros, o termo seria mais recente: "não tinha este termo candango, isto foi criado por J. K. na construção de Brasília." Entretanto, para outros o termo já existia desde os anos 40 e 50, a exemplo do que afirmou Tio Negro: "o candango já existia naquela era de 40". As dívidas não se limitaram apenas à temporalidade do termo, mas também ao seu conteúdo. A despeito das discussões, o que se percebeu foi o surgimento de uma nova categoria de trabalho.

principalmente o comércio de bares. Era gente moça e gostava no sábado e domingo da festa e bebedeira”⁶⁵.

Curiosamente, as feiras ficaram conhecidas como “feiras de candangos”, para alguns, principalmente os produtores, eram assim denominadas por que os trabalhadores do sisal eram os principais compradores da feira⁶⁶. Entretanto, não se verificou nenhuma melhoria na dieta alimentar destes trabalhadores. Ao contrário, a tendência foi o empobrecimento da alimentação. Alguns produtores dos Cariris Velhos atribuíram a manutenção deste padrão alimentar baixo ao aumento do alcoolismo. “Nunca ganharam um tostão e, quando ganhava, metia a cara na cana como quem tava com a molesta”⁶⁷. Outro grande produtor da região reforçou a idéia de que os salários dos sisaleiros eram desviados para “farras” e bebedeiras: “O dinheiro não dava pra comer melhor, se o cabra ganhasse 20 mil réis, por exemplo, tomava 10 de cana e fazia a feira com os outros 10. Muitos e muitos faziam isto”⁶⁸. Conforme o Sr. Jorge Xavier, o índice de alcoolismo aumentou devido à influência do brejeiro na região dos Cariris Velhos: “vinha muita gente de fora. O brejeiro era preguiçoso, tudo inchado. No Brejo, se tinha uma criança se arrastando, a mãe dava uma chamada de cana pra poder pisar no chão e não adoecer”⁶⁹.

A valorização do sisal foi fugaz. Como grande parte da produção era orientada para o mercado externo, qualquer alteração na situação internacional provocava oscilações, tanto no preço como na demanda. Após a guerra da Coréia, em 1953, as potências industriais, sobretudo os EUA, colocaram o estoque

⁶⁵ Sr. Odom Cirilo Nunes. Entrevista realizada em julho de 1995, na região dos Cariris Velhos.

⁶⁶ Confirma o Sr. Jorge Xavier Cariris Velhos, agosto de 1995.

⁶⁷ Palavras do Sr. Jorge Xavier. Cariris Velhos, agosto de 1995.

⁶⁸ Depoimento do Sr. Geraldo da Silva, Cariris Velhos, agosto de 1995.

⁶⁹ Sr. Odom Nunes, entrevistado em agosto de 1995, nos Cariris Velhos. Insisto que existem, também, imagens negativas a respeito do sisal que o associam ao “diabo”, ao “capa verde”, ao “maldito”, e, enfim, ao reverso do que declarou o Sr. Odom Nunes e outros caririzeiros. As imagens negativas não surgiram espontaneamente, muitas vezes foi necessário que eu abordasse diretamente sobre o assunto. Em alguns casos, os entrevistados reagiram grosseiramente, em outros, sorriam. Contudo, aqui e acolá, iam surgindo palavras que remetiam ao “maldito”. A este respeito, ver Hamilton Marinho Costa. (1989). O capa verde: Transformações Econômicas e Representações Ideológicas dos Trabalhadores do Sisal. Dissertação de mestrado. (Sociologia Rural). UFPB, Campina Grande, e Mariângela Nunes, Op. Cit. Destaco o pioneirismo de Hamilton Costa. Entretanto, advirto que o mito do capa verde, o mito de origem do sisal, na Paraíba, requer análises mais profundas.

estratégico no mercado, fazendo surgir uma oferta adicional e encerrando temporariamente a euforia dos preços. Nos anos 90, a crise de 1953, se mostrou esquecida, pelos produtores e trabalhadores dos Cariris Velhos que lembravam apenas a alta dos preços. Quando perguntei ao Sr. Geraldo Silva sobre a crise, ele imediatamente fez um contraponto com a realidade e disse o seguinte: “hoje é que não têm nada, tá um tempo acabado, vamos viver por que Nosso Senhor quer, quando tinha o agave ninguém falava em tempo ruim. No tempo do agave, o dinheiro dava pra tudo, comer, calçar, vestir e ainda sobrava pra farra”⁷⁰. Estas imagens de fartura, provocada pelo sisal, estavam presentes em grande parte dos caririzeiros que fundaram um marco próprio da história dos Cariris Velhos: “o tempo do agave”, lembrado com saudosismo quase sagrado: “aquele era um tempo bom, um tempo de Deus”⁷¹.

Durante as narrativas, realidade e imaginação se entrecruzaram constatemente⁷². Muitas vezes, esta combinação revelou um passado feliz, fabuloso, que lembrava um conto de fadas; uma história de carochinha: Tudo começou nos anos 40, então o sisal cresceu e tornou-se um rei. Contudo, a realidade convida todos a aterrissarem. A bordo do presente, o primeiro aviso anuncia o final dos tempos: “Hoje o povo veve morto porque o agave acabou, acabou tudo”⁷³. As visões do fim do mundo são herança de um passado remoto⁷⁴. Entretanto, tais visões se tornaram mais expostas com a recente crise do sisal. — Esta lavoura revelou-se, no presente, a salvação dos Cariris Velhos. Por isto os lamentos corriam de boca em boca, demonstrando a insatisfação e o pessimismo que, hoje, invadiram os Caririzeiros. Tal como proclamou Tio Nego em

⁵⁶ Sobre história oral ver Janaina Amado, *O grande mentiroso: Tradição, veracidade e imaginação em história oral*, (referência incompleta).

⁵⁹ Sr. Geraldo da Silva, entrevistado nos Cariris Velhos, em agosto de 1995.

⁶⁰ Sobre o assunto ver Jaques Le Goff, (1994). *História e Memória*. 3ª ed. São Paulo: UNICAMP.

⁶¹ Tio Nego, entrevista realizada nos Cariris Velhos, em agosto de 1995.

⁶² Odem Nunes, entrevistado nos Cariris Velhos, em agosto de 1995.

⁶³ Sobre saudades ver Durval Muniz de Albuquerque Junior, (1994). - *O Engenho Anti-Moderno: A Invenção do Nordeste e outras Artes*. Tese de Doutorado (História) UNICAMP. São Paulo.

tom resignado: “depois que o sisal acabou, deu um trancão no meio do mundo”. Para terminar estas citações que remetem ao escatológico, registra-se o desabafo do Sr. Odom Nunes: “e o Caririzeiros viu chegar o fim da história dele. Acabou o agave, acabou tudo, bateu a caçoleta”. Curiosamente, estas expressões de amargura eram repetidas em meio a sorrisos e aparências dóceis, que não escondiam desencantos denunciados, não só em falas, como as mencionadas acima, mas também em gestos, olhares e até mesmo nos tons tristes das vozes.

Graças às lembranças, memórias e imaginações, foi possível passear no tempo e viajar no passado (refiro-me as décadas 30, 40 e 50), para trazê-lo até o presente, ou melhor, recriando um passado, conferindo-lhe significados mágicos e sagrados, capazes de construir “tempos de ouro” que fragmentam-se em desilusões embebidas por encantos e saudades. Saudade, originária da perda constatada no presente, isto é, no futuro do que se perdeu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A UNIÃO, (Jornal) João Pessoa. 1937 - 1970. Arquivos de A União, João Pessoa.
- ALBUQUERQUE, Jr., Durval Muniz. (1994). *O Engenho Anti-Moderno: A Invenção do Nordeste e outras Artes*. Tese de Doutorado em (História) UNICAMP, São Paulo.
- ALMEIDA, Horácio. (1980). *Brejo de Areia, Memórias de Um Município*. João Pessoa: UFPB.
- AMADO, Janaina. *O grande Mentiroso: Tradição, Veracidade e Imaginação em História Oral*. (Referência incompleta).
- BASBAUM, Leôncio. (1985). *História Sincera da República 1930 a 1960*, 5ª ed. São Paulo: Alfa Ômega.
- BURKE, Peter. (org). (1992). *A Escrita da Nova História e Novas Perspectivas*. São Paulo: USP.
- COELHO, Cleodom. (1958). *Guarabira Através dos Tempos*. Editora Livraria Nordeste.
- COSTA, Ramilton Marinho. (1989). *O Capa Verde: Transformações Econômicas e Representações Ideológicas dos Trabalhadores do Sisal*. Dissertação, (Mestrado em Sociologia Rural). Universidade Federal da Paraíba/UFPB, Campina Grande.

- COSTA, Severino Ismael. (1990). *...Caçara, Caminhos de Almocreves*. João Pessoa: A União.
- LE GOFF, Jacques. (1992). *História e Memória*. 2ª ed. Campinas: UNICAMP.
- _____. (1993). *A História Nova*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- NUNES, Mariângela Vasconcelos. (1996). *Maldição e Bênção: Histórias sobre o Sisal na Paraíba, (1930-1953)*. Dissertação de Mestrado (História) UNB, Brasília.
- PERROT, Michelle. (1988). *Os Excluídos de História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- SARAIVA, Ivony Lídia Monteiro. (1981). *Cooperativa do Sisal: Sociedade Anônima*. Dissertação (Mestrado de Economia Rural). UFPB.
- OLIVEIRA SOBRINHO, Reinaldo de. (1953). *Esboço de Monografia do Município de Areia*. João Pessoa: Imprensa oficial.
- SOUZA, M. Lúcia de. (1987). *A produção do sisal na Paraíba: município de Cuité (um estudo de caso)*. Dissertação (Mestrado em Economia Rural). UFPB. Campina Grande-PB.
- TROCOLLI, Eibio Parknam. "A Evolução Sisaleira na Paraíba dos primórdios a virada de 1938 ao início do Boom" In: *Raízes*. Campina Grande (no prelo).